

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS - UFGD
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ECONOMIA
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

VINÍCIUS WANGINIAC OLIVEIRA

**ANÁLISE DO USO DE INSTRUMENTOS DE GESTÃO FINANCEIRA EM
EMPREENDIMENTOS AGRÍCOLAS NO MUNICÍPIO DE MARACAJU/MS**

DOURADOS/MS

2017

VINÍCIUS WANGINIAK OLIVEIRA

**ANÁLISE DO USO DE INSTRUMENTOS DE GESTÃO FINANCEIRA EM
EMPREENDIMENTOS AGRÍCOLAS NO MUNICÍPIO DE MARACAJU/MS**

Trabalho de Graduação apresentado à Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia da Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis.

Orientador: Professor Dr. Rosemar José Hall

Banca Examinadora:

Professor Me. Thiago Bruno de Jesus Silva

Professor Dr. José Jair Soares Viana

Dourados

2017

**ANÁLISE DO USO DE INSTRUMENTOS DE GESTÃO FINANCEIRA EM
EMPREENDIMENTOS AGRÍCOLAS NO MUNICÍPIO DE MARACAJU/MS**

VINÍCIUS WANGINIAK OLIVEIRA

Esta monografia foi julgada adequada para aprovação na atividade acadêmica específica de Trabalho de Graduação II, que faz parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis pela Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia – FACE da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD.

Apresentado à Banca Examinadora integrada pelos professores:

Presidente: ROSEMAR JOSÉ HALL, Dr.

Avaliador: THIAGO BRUNO DE JESUS SILVA, Me.

Avaliador: JOSÉ JAIR SOARES VIANA, Dr.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Rosemar José Hall por acreditar no projeto, orientar e motivar nos momentos decisivos para conclusão do mesmo.

A acadêmica Dayane Rufato por me incentivar nos momentos importantes e não deixar as barreiras me segurarem estando ao meu lado.

Ao acadêmico Ewerton Barbosa Lima por acreditar que poderíamos trabalhar em conjunto e concluir este trabalho, por compartilhar vários quilômetros e dificuldades no caminho.

A contadora e amiga Andreia Cossetin pelos conselhos na elaboração do mesmo.

Agradeço a minha família e a Deus pelo dom da vida.

Agradeço a minha mãe, pessoa fundamental para poder chegar até aqui e que não mediu esforços dentro do seu possível para me manter de cabeça erguida, em condições de continuar lutando.

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo analisar o uso de instrumentos de gestão financeira em empreendimentos agrícolas no município de Maracaju/MS. O município é conhecido por sua força agrícola perante a economia estadual. Para tanto, foi realizada a aplicação de questionário com 50 empresários e gestores rurais com propriedade rural no município de Maracaju/MS. Os resultados revelaram um perfil bem variado de empresários rurais atuando no município, bem como a maneira de atuação utilizando os instrumentos de gestão financeira, diferenciando aqueles que buscam uma gestão mais profunda através de sistemas e profissionais capacitados trabalhando de forma dedicada com as informações para melhorar as tomadas de decisões e se manterem informados sobre tudo que é gasto, o que permite concluir que os resultados obtidos através do questionário aplicado aos empresários apresentaram uma tendência em aumentar suas áreas produtivas e modernizar as máquinas de trabalho, porém para aumentar os volumes de maneira equilibrada é necessário ter os dados em mãos para minimizar chances de erros e maximizar as chances de sucesso no momento da tomada de decisão.

Palavras-chave: Capital de Giro, Fluxo de Caixa, Agronegócio, Ferramentas Financeiras.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the use of financial management tools in agricultural enterprises in the municipality of Maracaju/MS. The municipality is known for its agricultural strength vis-a-vis the state economy. For that, a questionnaire was applied with 50 rural entrepreneurs and managers with rural property in the municipality of Maracaju/MS. The results revealed a very varied profile of rural entrepreneurs working in the municipality, as well as the way of acting using financial management instruments, differentiating those who seek deeper management through systems and trained professionals working in a dedicated way with the information to improve and to keep informed about everything that is spent, which allows to conclude that the results obtained through the questionnaire applied to the entrepreneurs showed a tendency to increase their productive areas and modernize the work machines, but to increase the volumes in a way balanced approach it is necessary to have the data at hand to minimize the chances of errors and maximize the chances of success at the moment of decision making.

Keywords: Working Capital, Cash Flow, Agribusiness, Financial Tools.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Faixa etária.....	22
Tabela 02 - Função dentro da empresa.....	23
Tabela 03 – Gênero	23
Tabela 04 – Estado civil	24
Tabela 05 – Nível de escolaridade.....	24
Tabela 06 - Tempo na produção agrícola de grãos.....	25
Tabela 07 - Extensão dos empreendimentos agrícolas.....	25
Tabela 08 - Prioridade da (s) área (s) e dos maquinários.....	26
Tabela 09 – Grau de importância financeira na escolha dos grãos.....	26
Tabela 10 - Comercialização da produção.....	27
Tabela 11 - Ferramentas de gerenciamento.....	28
Tabela 12 – Periodicidade do fluxo de caixa.....	29
Tabela 13 – Prioridade administrativa.....	29
Tabela 14 – Previsão de pagamentos.....	30
Tabela 15 – Registro de pagamentos.....	30
Tabela 16 – Ferramenta ou software utilizado na gestão.....	31
Tabela 17 – Utilidade do escritório contábil.....	31
Tabela 18 – Prioridade de Investimento.....	32
Tabela 19 – Forma de pagamento da produção.....	32
Tabela 20 – Alavancagem de capital.....	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Tema e problema	9
1.2 Objetivos.....	10
1.2.1 Objetivo Geral.....	10
1.2.2 Objetivos específicos.....	10
1.3 Justificativa.....	10
2 REVISÃO TEÓRICA.....	12
2.1 Capital de Giro.....	12
2.2 Fluxo de Caixa	14
2.3 Estoques Agrícolas.....	15
2.4 Gestão de Passivo.....	16
2.5 Gestão de recebíveis	17
2.6 Capital de terceiros.....	17
3 METODOLOGIA.....	19
3.1 Local do estudo.....	19
3.2 Delineamento da pesquisa	20
3.3 População e amostragem.....	21
3.4 Instrumentos de pesquisa.....	21
3.5 Técnica de Coleta de dados.....	21
3.6 Análise e interpretação dos dados.....	21
3.7 Limitações da pesquisa.....	22
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	22
4.1 Caracterização dos respondentes.....	22
4.2 Utilização dos instrumentos de gestão financeira nos empreendimentos.....	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

É constante a informação de que na atualidade as empresas necessitam eliminar as suas perdas e tornarem-se mais eficientes, pois elas possuem cada vez menos poder para alterar preços dos produtos a fim de suprir as necessidades financeiras e de desenvolvimento (KRAMER, 1995; BORNIA, 2010; SOUZA; CLEMENTE, 2011 *apud* CORRÊA 2014).

Segundo Martinelli (2010) *apud* Corrêa (2014, p. 13) diferentemente da indústria, a agricultura não age com a mesma intensidade perante essa nova equação, em que o preço já é determinado e, para que o empreendedor desenvolva um negócio rentável, ele deve atuar sobre a redução de custos dos produtos.

Frequentemente o agricultor paga mais pelos insumos necessários para o cultivo e recebe menos pelo produto colhido, o que direciona o empresário rural a buscar meios para diminuir o custo de produção e gerenciar de maneira eficaz seu caixa. (HOFER, 2009).

Com a volatilidade presente nos insumos e produtos, o produtor precisa ter ciência do fluxo financeiro que possui. A gestão deste capital de giro é responsável pela saúde financeira do negócio, pois vai determinar a capacidade de pagamento para fornecedores e colaboradores até o recebimento dos clientes, desta forma é preciso gerir os recursos necessários, trazendo resultados satisfatórios para a organização através de um responsável financeiro, o mesmo tem a responsabilidade de alertar quanto a possíveis dificuldades durante os processos (CORTES, 2014).

Segundo Hall (2008), citado por Corrêa (2014, p. 14), “observam-se oportunidades de gestão de custos, gestão de fluxo de caixa e análise do compartilhamento de recursos. O primeiro aspecto é evidenciado pela necessidade desse tipo de informação e despreparo para operacionalizá-la”. Desta forma a gestão de capital de giro pode ser aplicada em qualquer empresa ou negócio. Os dados gerados vão servir para subsidiar a empresa na tomada de decisão, tendo um suporte técnico para alcançar metas estipuladas (CORTES, 2014).

1.1 Tema e problema

O presente trabalho tem como tema o perfil dos empresários rurais e as evidências acerca da gestão financeira agrícola na região de Maracaju, esse tema é pautado levando em consideração o peso que o setor possui no PIB (Produto Interno Bruto) para o País e como cada

empreendimento faz sua gestão em busca dos melhores resultados não só no campo mas também em sua gestão.

O processo em si não foge dos demais setores: produzir, comercializar e lucrar. Neste processo é realizado a captação de recursos para custear as produções e quitá-los ao final do ciclo produtivo, porém, existem situações que podem acontecer entre o período inicial até o final do ciclo produtivo: fatores macroeconômicos, ataques inesperados na produção, riscos climáticos, entre outros. Levando em consideração os eventos mencionados, a questão de pesquisa é: qual a utilização de instrumentos de gestão financeira nos empreendimentos agrícolas do município de Maracaju/MS.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

O objetivo deste trabalho é analisar a utilização de instrumentos de gestão financeira em empreendimentos agrícolas no município de Maracaju/MS.

1.2.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos buscam:

- a) Descrever o perfil dos empresários e gestores de empreendimento agrícolas;
- b) Descrever o perfil dos empreendimentos agrícolas;
- c) Verificar quais os instrumentos de gestão financeira utilizados.

1.3 Justificativa

Zanchet e Junior (2006) comentam que o agronegócio é um dos setores que tem apresentado crescimento significativo e constante ao longo dos últimos anos. É um dos grandes responsáveis pelos constantes superávits da Balança Comercial do país. Apesar das deficiências das medidas governamentais sobre política de financiamento e preços é um setor que tem movimentado milhões de reais em recursos, gerando milhares de empregos e transformando algumas regiões do país. Em anos anteriores a competitividade era restrita ao comércio e indústria, hoje ela ultrapassa a fronteira do agronegócio e bate à porta dos empresários rurais,

os mesmos correm para se aperfeiçoarem em relação às técnicas administrativas, financeiras e de custos. Zanchet e Junior (2006) falam da preocupação entre os produtores com a sua formação profissional e também com a melhoria da qualificação da mão de obra que emprega. Isso pode ser percebido no fato de que nos últimos anos tem havido aumento gradativo no número de empregos criados no campo. Hoje a atividade vem respondendo por mais de um terço dos empregos diretos criados no país e, simultaneamente, vem batendo recordes de produção.

Zanchet e Junior (2006) concluem que os empresários rurais que responderam o questionário aplicado são na maioria formado por grupos familiares que atuam no ramo há anos, demonstrando a vivência e conhecimento empírico no trato da terra e assim se baseiam para o gerenciamento. Quanto a escolaridade ficou evidenciado que 57,14 % dos empresários rurais possuem o primeiro grau e 42,86% possuem o segundo grau completo demonstrando a baixa escolarização dos proprietários.

Chassot (2016) comenta sobre a abordagem das áreas de controle e planejamento financeiro de uma pequena empresa de agronegócio localizado no estado do Rio Grande do Sul, Chassot (2016) menciona Gitman (2010) “procurar definir previamente os padrões, os princípios, o processo de elaboração e os métodos de avaliação, bem como conhecer as atividades necessárias para que sejam alcançadas as metas estabelecidas”. Chassot (2016) complementa citando Zdanowicz (2004) “o fluxo de caixa constitui-se em instrumento essencial para que a empresa possa ter agilidade e segurança em suas atividades financeiras. Logo, o fluxo de caixa deverá refletir, com precisão, a situação econômica da empresa em termos financeiros”. Neste cenário, percebem-se igualmente as mudanças e inovações ocorridas no ambiente das organizações, onde o surgimento e aprimoramento de conceitos e técnicas no campo da administração, principalmente na área de finanças, tornam-se cada vez mais importantes para que as empresas consigam se adaptar as alterações do seu ambiente externo e interno e ter saúde financeira com receitas semestrais.

Chassot (2016) conclui que o fluxo de caixa é uma ferramenta importante para o agronegócio e os planejamentos futuros. A importância do controle e planejamento financeiro para a empresa, isso faz com que tenha uma provisão de recursos a curto e longo prazo, como também um controle mais preciso dos seus custos, das negociações com fornecedores, dos seus prazos de pagamentos e recebimentos, agregando um ciclo operacional e financeiro mais eficaz na gestão da organização.

2 REVISÃO TEÓRICA

2.1 Capital de giro nas empresas agrícolas

Analisando as capacidades de giro, Ehrhardt e Brigham (2001) comentam que a maioria das empresas precisam de alguns ativos circulantes para sustentar suas atividades operacionais, por exemplo, todas as empresas devem ter algum caixa “lubrificador de engrenagens” de suas operações. A disponibilidade de capital de giro é chave para uma administração financeira eficiente, não só para análise de caixa, mas também para estratégias de negócio, crescimento e lucratividade aproveitando assim as oportunidades (CORTES, 2014).

O termo giro é descrito por Assaf Neto e Silva (2010) onde o termo giro refere-se aos recursos correntes (curto prazo) da empresa, geralmente identificados como aqueles capazes de serem convertidos em caixa no prazo máximo de um ano, porém a delimitação de um ano não costuma ser seguida por empresas cujo ciclo de produção-venda-produção ultrapasse caracteristicamente este prazo (estaleiros, atividade rural etc.), prevalecendo nesta situação o ciclo operacional para se definirem os recursos correntes. Os elementos de giro diante desta situação, são identificados no ativo circulante e passivo circulante, ou seja, curto prazo.

Definindo um pouco melhor a questão do capital do giro operacional, Ehrhardt e Brigham (2012, p. 61) definem “Os ativos de curto prazo normalmente utilizados nas atividades operacionais de uma empresa são denominados ativos circulantes operacionais”.

Estes ativos circulantes possuem alguns detalhes, segundo Ehrhardt e Brigham (2012) nem todos os ativos circulantes são ativos circulantes operacionais. Por exemplo, investimentos em títulos de curto prazo geralmente são resultados de decisões de investimento tomadas pelo tesoureiro e não uma consequência natural das atividades operacionais. Portanto, investimentos de curto prazo são ativos não operacionais e normalmente são excluídos do cálculo de ativos circulantes operacionais.

Alguns passivos circulantes – especialmente contas a pagar e provisões – surgem no curso normal das operações sendo denominados passivos circulantes operacionais. Semelhante aos ativos, os passivos também possuem exceções operacionais, por exemplo, considere o passivo circulante mostrado como títulos a pagar aos bancos. A empresa poderia ter levantado um valor equivalente como dívida de longo prazo ou poderia ter emitido ações, então a escolha de tomar um empréstimo do banco foi uma decisão financeira e não uma consequência das

operações. Novamente, a regra é que, se o passivo cobra juros, ele não é passivo operacional (EHRHARDT; BRIGHAM, 2012).

No cenário do agronegócios os custos ficam de fora do passivo operacional por terem a incidência de juros em suas operações de curto prazo.

Em meio às entradas e saídas de caixa em um curto período financeiro, principalmente operacionais, o entendimento de capital de giro insere-se no contexto das decisões financeiras de curto prazo, envolvendo a administração de ativos e passivos circulantes. Toda empresa deve buscar um nível satisfatório de capital de giro de maneira a garantir a sustentação de sua atividade operacional (EHRHARDT e BRIGHAM, 2012).

Neste cenário, dependendo da necessidade do capital de giro para o período, uma grande alternativa utilizada por empresários é a obtenção de recursos provenientes de terceiros via empréstimos e financiamentos. Esse capital tem seu custo, o qual dentro de um sistema econômico pode-se encontrar diferentes taxas de juros, todas elas, no entanto, exprimem fundamentalmente a remuneração sobre o capital emprestado. A variedade de taxas disponíveis no mercado deve-se, entre outras razões, aos prazos envolvidos, às condições estabelecidas entre aplicadores e captadores de recurso, ao risco inerente à operação, às garantias estabelecidas e às condições gerais da economia (ASSAF NETO; SILVA, 2010).

Quatro fatores básicos que afetam o custo do dinheiro, são: oportunidades de produção, preferências de tempo para consumo, risco e inflação. Por oportunidades de produção, entende-se a capacidade de transformar capital em benefícios. Desta forma a oportunidade de negócios não é perdida e fica a cargo do empresário rural conseguir produzir e dar retorno sobre o capital captado (EHRHARDT; BRIGHAM, 2012).

Segundo a revista Globo Rural (2016) “Mesmo apresentando resultados positivos, o agronegócio ainda recebe pouco subsídio e sofre com problemas de infraestrutura no Brasil”.

A afirmação do Globo Rural faz sentido quando o Banco Central deseja estimular a economia, normalmente utiliza operações de mercado aberto para comprar títulos governamentais detidos pelos bancos. Como os bancos terão mais dinheiro, aumentarão sua oferta para fundos de empréstimo, logo faz com que os bancos emprestem mais dinheiro a taxas mais baratas, com fundos em LCA que são direcionados para atender as linhas de crédito agrícola, porém se o fundo não for atrativo o setor sofrerá com redução de ofertas e algumas estruturas terão que aguardar o cenário melhorar. (EHRHARDT; BRIGHAM, 2012).

De acordo com MAPA (2016),

O volume de crédito rural sofreu alteração. Em maio deste ano, o governo federal anunciou R\$ 202,88 bilhões para o Plano Agrícola e Pecuária 2016/2017. No entanto, os recursos ficaram agora em R\$ 185 bilhões. Isso é reflexo do redimensionamento da Letra de Crédito do Agronegócio (LCA), que terá em torno de R\$ 10 bilhões à taxa controlada de 12,75% ao ano. (MAPA, 2016).

2.2 Fluxo de caixa

Segundo Assaf Neto e Silva (2010, p. 33), conceitualmente “o fluxo de caixa é um instrumento que relaciona os ingressos e saídas (desembolsos) de recursos monetários no âmbito de uma empresa em determinado período de tempo”. Os fluxos de caixa são valores em moeda corrente que refletem as entradas e saídas de recursos por unidade de tempo que formam uma proposta de investimento, seja diário, semanal, mensal, desde que atenda a necessidade do usuário (NORONHA, 1987).

Considerar o fluxo de caixa de uma organização um instrumento gerencial não significa que ela vai prescindir da contabilidade e dos relatórios gerenciais por ela gerados. Ao contrário, com o fortalecimento dos relatórios gerenciais gerados pela contabilidade se pretende aliar a potencialidade do fluxo de caixa para melhor gerenciar suas decisões. As informações do fluxo financeiro não irão tirar a importância do fluxo contábil, pelo contrário, buscando unir as informações geradas por ambos a confiança na informação gerada dará maior precisão para tomada de decisão (FREZATTI, 1997).

Farber (2014, p.165) em sua tese comenta acerca da importância do fluxo de caixa e de sua compreensão:

Estudar o fluxo de caixa é compreender o processo de formação de liquidez na empresa. A geração de caixa é tão importante quanto a geração de lucro, pois a quebra de uma empresa ocorre não somente pela falta de lucro mas também pela negatividade do caixa.

Nessa linha de pensamento Noronha comenta que um dos problemas mais sérios na empresa rural é a disponibilidade de dinheiro para saldar compromissos de curto prazo, muito do que se deve ao fato de a receita rural ocorrer apenas semestralmente, enquanto os compromissos operacionais, investimentos e empréstimos mantêm vencimentos mensais. Para suprir a divergência entre entrada e saída de dinheiro torna-se indispensável o uso de uma série de artifícios, às vezes caro, para atender as necessidades de curto prazo (NORONHA, 1987).

O subperíodo do Fluxo de Caixa pode ser um, dois ou mais meses. Entretanto, quanto maior, mais difícil se torna a análise do déficit (ou superávit) ocorrido e menos úteis serão tais informações para futuras previsões da empresa. (MATTOS, 1999, p. 80)

Nesse sentido, Mattos (1999) prescreve que as demonstrações de fluxo de caixa podem ser divididas em dois grupos: Entradas e Saídas de Caixa, isto é:

Entradas de Caixa: É a soma de todas as entradas de caixa na empresa, exceto o caixa inicial do primeiro subperíodo, as novas dívidas contraídas e as retiradas das aplicações financeiras da empresa rural, durante o período contábil.

Saída de Caixa: É a soma, em cada subperíodo t , de todas as saídas de caixa, exceto pagamentos de principais dívidas, aplicações financeiras e o caixa final.

Superávit (Déficit): é a diferença entre o total de entradas e de saídas de caixa, em cada subperíodo

É importante assinalar que o comportamento do fluxo de caixa será influenciado por diversas variáveis, entre as quais se destacam o setor de atuação da empresa, o ambiente econômico, a fase do ciclo de vida da empresa e a existência dos novos projetos de investimentos entre outros (ASSAF NETO; SILVA, 2010).

2.3 Estoques Agrícolas

Os estoques são materiais, mercadorias ou produtos que são fisicamente mantidos disponíveis pela empresa, com expectativa de ingresso no ciclo de produção, de seguir seu curso produtivo normal, ou de serem comercializados (ASSAF NETO, 2003).

Iudícibus (2010) define os estoques: são mercadorias a serem revendidas. No caso de indústria, são os produtos acabados, bem como matéria-prima e outros materiais secundários que compõem o produto em fabricação. Nesse sentido Assaf Neto (2012) comenta que os estoques são formados por produtos acabados, produtos em processo de fabricação, matérias-primas e materiais indiretos e utilizados na fabricação.

Martins (1980,0 p.13), aborda como era realizado o levantamento dos estoques físicos em sua forma bastante simples:

Para a apuração do resultado de cada período, bem como para o levantamento do balanço em seu final, bastava o levantamento dos estoques em termos físicos, já que sua medida em valores monetários era extremamente simples: o Contador verificava o montante pago por item estocado, e dessa maneira valorava as mercadorias. Fazendo o cálculo basicamente por diferença, computando o quanto possuía de estoques

iniciais, adicionando as compras do período e comparando com o que ainda restava, apurava o valor de aquisição das mercadorias vendidas.

Os estoques rurais segundo Mattos (1999) podem ser divididos em: estoques de produtos, que compreendem o milho, a soja, aveia etc., estoque de culturas anuais em crescimento que são os garrotes em crescimento, laranja em fase produtiva entre outros; e, por fim, estoques de insumos e materiais de consumo que são os recursos usados no processo produtivo como por exemplo, sementes, fertilizantes, defensivos, corretivos.

Estes produtos do estoque possuem uma definição no mercado de negócios, conforme a evolução do mercado financeiro, segundo Branco (2004, p. 12) “*Commodities* é o termo utilizado para se referir aos produtos de origem primária que são transacionados nas bolsas de mercadorias. São normalmente produtos em estado bruto ou com pequeno grau de industrialização”.

Essas *Commodities* são negociadas da seguinte forma:

A negociação dessas mercadorias é realizada com entrega futura. Diferente do que acontece no porto, não há movimento físico de produtos nas bolsas. O que se negocia são contratos futuros, ou seja, garantias de compra e venda dos produtos em uma data no futuro (BRANCO, 2004, p. 12).

Desta forma os produtos acabados e de posse dos empresários rurais já se encontram, em boa parte, negociados como *Commodities*.

2.4 Gestão de Passivo

Iudícibus (2010, p. 36) define as contas a pagar dentro passivo como “Contas de acordo com o seu vencimento, isto é, aquelas contas que serão liquidadas mais rapidamente integram um primeiro grupo. Aquelas que serão pagas num prazo mais longo formam outro grupo”.

No passivo circulante estão relacionadas todas as contas a curto prazo, ou seja, contas que terão seu vencimento definido até o fim do exercício social ou do ciclo operacional da empresa (ASSAF NETO, 2010).

Iudícibus (2010, p. 36) conceitua que passivo circulante “São as obrigações que normalmente são pagas dentro de um ano: contas a pagar, dívidas com fornecedores de mercadorias ou matérias-primas, impostos a recolher (para o governo), empréstimos bancários com vencimento nos próximos 360 dias”.

Assaf Neto (2010, p. 70) classifica o passivo não circulante como “Todas as obrigações da empresa cujo vencimento ocorrerá após o término do exercício seguinte ao encerramento do balanço, ou que apresentam prazo de liquidação superior ao ciclo operacional da empresa”. Iudícibus (2010, p. 36) complementa ainda que passivo não circulante “São as dívidas da empresa que serão liquidadas com prazo superior a um ano: financiamentos, títulos a pagar, etc.”.

2.5 Gestão de recebíveis

De acordo com Assaf Neto e Silva (2010, p. 169) “O giro de valores a receber é obtido principalmente pela relação entre as vendas a prazo da empresa e o montante de valores a receber apurados no final de um período”. Menciona ainda que os diversos valores a receber constantes desse item são avaliados desde que relevantes, de acordo ainda com a Lei nº 11.638/07, pelo seu valor de mercado (ou valor equivalente) (ASSAF NETO, 2012, p. 62).

Iudícibus (2010, p. 33) diz “Contas a receber são valores não recebidos decorrentes de vendas de mercadorias ou prestação de serviços a prazo”.

Reporta ainda que são ativos de menor liquidez (transformam-se em dinheiro mais lentamente) que o circulante os realizáveis a longo prazo, como bovinos. (IUDÍCIBUS, 2010).

2.6 Capital de terceiros

O mercado de crédito visa fundamentalmente suprir as necessidades de caixa de curto e médio prazos dos vários agentes econômicos, seja por meio da concessão de créditos às pessoas físicas, seja por empréstimo e financiamentos às empresas (ASSAF NETO, 2011, p. 65).

Assaf Neto (2011, p.65) alude que,

As operações desse mercado, dentro de uma política de especialização do Sistema Financeiro Nacional, são tipicamente realizadas por instituições financeiras bancárias (bancos comerciais e múltiplos). As atividades dos bancos, que visam principalmente reforçar o volume de captação de recursos, têm evoluído para um processo de diversificação de produtos financeiros e também na área de serviços prestados.

No processo de intermediação financeira para as operações de crédito, uma instituição pode atuar como sujeito *ativo* (credor de empréstimos de recursos), ou sujeito passivo (devedor de recursos captados), a instituição financeira recebe recursos de poupador, *funding* da operação de crédito, assumindo a obrigação de devolver o principal acrescido de juros. No Crédito Rural a opção de investimento que o *funding* possui é a LCA (Letra de Crédito Agrícola), a instituição fica na posição passiva com o credor dos recursos que escolheu a opção LCA para obter ganhos futuros (ASSAF NETO, 2011).

Segundo Guimarães (1974, p. 17), “O crédito rural foi institucionalizado no Brasil através da Lei nº. 4829/65. É o principal e mais importante instrumento utilizado pelo Governo para execução de sua Política Agrária”.

Conforme o Artigo 2º da referida Lei criada, considera-se Crédito Rural o suprimento de recursos financeiros por entidades públicas e estabelecimentos de crédito particulares, a produtores rurais ou a suas cooperativas, para aplicação exclusiva em atividades que se enquadrem nos objetivos indicados na legislação em vigor. (GUIMARÃES, 1974).

Dessa forma, o Governo influenciou através de suas autoridades monetárias o fluxo financeiro para um setor considerado fundamental para o desenvolvimento da política econômica nacional, o agronegócio, via crédito rural (MELLAGI FILHO; ISHIKAWA, 2010).

Mellagi Filho, Ishikawa (2010, p.114) complementa ainda que,

O Brasil possui uma arraigada “cultura inflacionária”, seus agentes continuam suscetíveis a crises de confiança com relação ao valor da moeda nacional e há muitos ajustes estruturais ainda a serem realizados entre empresas, trabalhadores e dentro do próprio Governo.

O crédito rural mesmo em tempos de instabilidade possui proteção do Governo desde sua criação como afirma Guimarães (1974, p. 19) “Concedido a taxas de subsidiadas, pois inferiores a taxa de inflação vigente no país, representa o crédito rural a maneira mais eficaz de capitalizar o setor”.

Visto a necessidade de capitalizar o setor, Guimarães (1974, p. 17) comenta que “Inexistindo uma infraestrutura básica nas zonas rurais, impossível se faz o desenvolvimento de uma nação”.

Uma operação que incentiva o setor agrícola e valoriza o mercado nacional é o Finame Agrícola descrito por Mellagi Filho e Ishikawa (2010, p.129) como “Financiamentos realizados por meio de instituições financeiras credenciadas, sem limite de valor, para aquisição de máquinas e implementos agrícolas novos, de fabricação nacional”.

Outro agente que custeia operações rurais são as Cooperativas de Crédito, segundo Mellagi Filho e Ishikawa (2010, p.131) “As cooperativas de crédito atuam basicamente no setor primário da economia, com o objetivo de permitir melhor comercialização de produtos rurais e criar facilidades para escoamento de safras agrícolas”.

Benetti (1994, p. 9) diz que “Sociedades cooperativas são contratos sociais por meio dos quais indivíduos se obrigam a contribuir com bens e serviços para a realização de atividade econômica de interesse comum a ser realizada sem objetivo de obter lucro”.

Logo após, em 1995, o Banco Central faz a seguinte autorização:

O Banco Central por meio da Resolução nº 2.193, de 31-8-95, autorizou a constituição de bancos comerciais com participação exclusiva de cooperativas de crédito, com atuação restrita à Unidade da Federação de sua sede. Autorizou que as cooperativas de crédito abrissem seus próprios bancos comerciais. A vantagem daí advinda seria de que o produtor rural, gerador e controlador do fluxo financeiro do dinheiro, seria ao mesmo tempo o mantenedor desses recursos (MELLAGI FILHO, ISHIKAWA, 2010, p. 135).

Essa alavancagem financeira com recursos de terceiros de imediato pode ser considerada um projeto inviável, com taxas de retorno abaixo do esperado, porém torna-se viável quando se consegue uma linha de financiamento a juros subsidiados (KASSAI; KASSAI; DOS SANTOS; ASSAF NETO, 2000).

Um fator importante com relação à alavancagem realizada é que estimula o desenvolvimento de uma nação, pois o agricultor não deve ser encarado apenas como produtor de bens primários, mas também como um consumidor em potencial que necessita de diversos produtos e serviços dos demais setores (GUIMARÃES, 1974).

3 METODOLOGIA

Com base nos referenciais teóricos, a pesquisa foi aplicada através de questões abordando de maneira clara se o empresário rural utiliza e de que maneira utiliza as ferramentas de gestão que auxiliam na tomada de decisão.

3.1 Local de estudo

A pesquisa será realizada no município de Maracaju, Estado do Mato Grosso do Sul (MS). Segundo o IBGE, em 2014, Maracaju obteve um PIB total de R\$ 1.585.961.000,00 (Um

Bilhão Quinhentos e Oitenta e Cinco Milhões Novecentos e Sessenta e Um Mil Reais), destes o Agronegócio produziu R\$ 536.279.000,00 (Quinhentos e Trinta e Seis Milhões Duzentos e Setenta e Nove Mil Reais) equivalente a 33,81 % do total.

Por ser referência no Estado de Mato Grosso do Sul, Maracaju recebeu em 18 de Março de 1992, a Fundação MS para a Pesquisa e Difusão de Tecnologias Agropecuárias. Uma empresa privada, sem fins lucrativos e de Utilidade Pública Federal. Foi criada por produtores rurais, com o objetivo de gerar e adaptar tecnologias para apoiar o expressivo crescimento na área cultivada em Mato Grosso do Sul.

Desde o início focou no desenvolvimento do sistema plantio direto e na busca por alternativas para a rotação de culturas e cobertura do solo no outono-inverno. Foi pioneira nas pesquisas com sistemas integrados lavoura-pecuária e lavoura-pecuária-floresta.

3.2 Delineamento da pesquisa

A pesquisa em questão foi realizada através do procedimento de levantamento de campo, que segundo Gil (1999, p. 70,71) “é um levantamento via interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer”.

Menciona ainda que entre as vantagens dos levantamentos, é verificado o conhecimento direto da realidade, economia e rapidez, e obtenção de dados agrupados em tabelas que possibilitam uma riqueza na análise estatística (GIL, 2007).

Quanto à abordagem, a pesquisa classifica-se como quantitativa, pois segundo Fonseca (2002, p.20) “os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa”.

Do ponto de vista da sua natureza, essa pesquisa é aplicada, pois, objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais (SILVA, 2005).

Gil (2007) comenta que conforme seus objetivos, a pesquisa enquadra-se em exploratória, uma vez que, tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Quanto à quantificação, os dados obtidos mediante levantamentos podem ser agrupados em tabelas, possibilitando a sua análise estatística. À medida que os levantamentos se valem de amostras probabilísticas, torna-se possível até mesmo conhecer a margem de erro dos resultados obtidos.

A medida em que as próprias pessoas informarem acerca de sua opinião, a investigação torna-se mais livre de interpretações calcadas no subjetivismo dos pesquisadores.

3.3 População e amostra

Em uma população finita foi realizado uma amostra estatística com um conjunto de indivíduos retirados de uma população definida para que possam fornecer informações importantes sobre aquela determinada população.

3.4 Instrumento de pesquisa

Para realização do levantamento das informações necessárias e relevantes foi aplicado um questionário com questões fechadas e de múltipla escolha, questões abertas foram descartadas.

As questões fechadas facilitam o trabalho de tabulação, pois as respostas são mais objetivas. As questões de múltipla escolha apresentam uma série de possíveis respostas, a técnica de múltipla escolha é facilmente tabelável e proporciona uma exploração em profundidade quase tão boa quanto a de perguntas abertas.

3.5 Técnica de Coleta de Dados

Foi realizado uma coleta direta de dados via questionário entre os dias 28 de Junho de 2017 à 28 de Julho de 2017 com empresários e grupos familiares de empresários rurais.

Alguns selecionados pediram a presença do aplicador do questionário para sanar eventuais dúvidas, a maioria solucionou as questões sem a presença do questionador.

As vantagens analisadas foram: economia de tempo, anonimato, respostas com tempo para evitar pressão, comparabilidade e interpretação. Em contrapartida as desvantagens foram: distorções no documento e incompreensão da questão.

3.6 Análise e interpretação dos dados

Seguindo os passos pré-definidos foi executado a busca dos dados, elaboração de gráficos, analisando os resultados obtidos com as parcerias agrícolas firmadas e se os aportes geraram retorno esperado para quitar os compromissos.

Em seguida foi analisado as áreas onde o cultivo já era praticado em anos anteriores, como estes recursos ajudaram nos compromissos com preferência de quitação, se eles foram bem alocados de tal maneira que ao fim do ciclo produtivo o resultado além do lucro trouxe a criação de valor no empreendimento.

3.7 Limitações da pesquisa

O questionário aplicado apresentou limitações quanto à população e amostra. A população definida para este estudo, ou seja, os empresários rurais, não seguiram um critério livre e aberto. Os mesmos foram selecionados dentro de um grupo atuante no local da pesquisa e que aceitaram participar respondendo as questões.

A definição da amostra também pode ser considerada um fator limitante tendo em vista o fato dela não ser aleatória.

Por fim, outra limitação importante se refere ao tamanho da amostra, que se apresenta em número reduzido, permitindo considerar os resultados encontrados apenas para a população em questão.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 Caracterização dos respondentes

A pesquisa de campo foi realizada através de um questionário aplicado a cinquenta empresários rurais com empreendimentos no município de Maracaju e região. Alguns dos produtores participantes pertencem a um mesmo grupo familiar, porém possuem áreas produtivas distintas. Todos optaram por responder às perguntas de maneira anônima e as informações sobre o perfil de cada um foram:

Tabela 01 – Faixa etária

Em qual faixa etária se encontra hoje	Frequência absoluta		Frequência relativa	
	Fi	Fi acumulado	Fi %	Fi% acumulado
Entre 18 à 30 anos	8	8	16%	16%
Entre 31 à 40 anos	10	18	20%	36%
Entre 41 à 60 anos	28	46	56%	92%
61 anos ou mais	4	50	8%	100%
	50	-	100%	-

Fonte: Dados da pesquisa

Foi pesquisa que mais da metade dos empresários rurais se encontra na faixa dos 41 a 60 anos e após essa idade tem-se um número com menor participação, sendo apenas 4 (quatro), isso se deve ao fato de que os maiores de 61 anos como todo trabalhador buscam aposentadoria, passando os negócios para os mais novos e dispostos fisicamente.

No âmbito rural o gestor é aquele que exerce mais funções de decisão, que gerencia as finanças e o processo produtivo, tornando-se um administrador do empreendimento agrícola, atuando de uma maneira onde seu papel está ligado a figura do escritório, sem vivenciar a rotina de produção nas áreas. O produtor é aquele que explora a terra, que trabalha diretamente no cultivo e tratos da produção em busca de uma melhor produtividade, essa figura não atua no administrativo.

A tabela 02 questionou qual função é exercida pelos empresários rurais pesquisados dentro da empresa: Gestor ou Produtor.

Tabela 02 – Função dentro da empresa

Qual sua função dentro da empresa	Frequência absoluta		Frequência relativa	
	Fi	Fi acumulado	Fi %	Fi% acumulado
Gestor	16	16	32%	32%
Produtor	34	50	68%	100%
	50	-	100%	-

Fonte: Dados da pesquisa

Conforme as respostas, a maioria dos respondentes atua exclusivamente como produtor, isso se deve ao fato da maioria terceirizar o processo administrativo ou contratar profissionais como funcionários em registro.

A tabela 03 questionou o gênero dos empresários rurais, foi possível observar que o sexo masculino é a maioria com 80 % dos entrevistados.

Tabela 03 – Gênero

Qual seu gênero	Frequência absoluta		Frequência relativa	
	Fi	Fi acumulado	Fi %	Fi% acumulado
Masculino	40	40	80%	80%
Feminino	10	50	20%	100%
	50	-	100%	-

Fonte: Dados da pesquisa

A tabela 04 apresenta o estado civil de cada um dos respondentes:

Tabela 04 – Estado civil

Estado Civil	Frequência absoluta		Frequência relativa	
	Fi	Fi acumulado	Fi %	Fi% acumulado
Solteiro	6	6	12%	12%
Casado	37	43	74%	86%
Divorciado	5	48	10%	96%
Outro	2	50	4%	100%
	50	-	-	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Analisando a questão chegou-se à conclusão que três em cada quatro respondentes estão casados, os demais se dividem em outros três tipos de situação. Vinculando a tabela 3 com a 4 foi verificado que o número de casados é alto, logo a figura feminina que representou 20% na tabela 3 tem relevância quando ligada aos respondentes casados na tabela 4.

Na tabela 05 foi questionado qual o nível de escolaridade dos entrevistados e os resultados obtidos foram:

Tabela 05 – Nível de escolaridade

Qual seu nível de escolaridade	Frequência absoluta		Frequência relativa	
	Fi	Fi acumulado	Fi %	Fi% acumulado
Sem escolaridade	0	0	0%	0%
Fundamental incompleto	3	3	6%	6%
Fundamental completo	6	9	12%	18%
Médio incompleto	3	12	6%	24%
Médio completo	14	26	28%	52%
Superior incompleto	3	29	6%	58%
Superior completo	18	47	36%	94%
Pós Graduação	3	50	6%	100%
	50	-	100%	-

Fonte: Dados da pesquisa

Observou-se que todos possuem um nível de escolaridade, destes, 28% terminaram o ensino médio, 36% concluíram o ensino superior, sendo que apenas o índice de pós-graduados se mostra baixo, sendo de 6% somente.

Isso pode se dever ao fato de o ensino universitário nacional ser mais restrito nas décadas de 70 e 80, sendo que na década de 90 houve uma expansão que pode ter influenciado a população a dar sequência nos estudos, resultado do aumento significativo de Instituições de Ensino Superior (IES) e de matrículas que ocorreram a partir dos anos de 1990 (BARROS, 2015).

A tabela 06 apresenta informações com relação ao tempo de trabalho que cada respondente exerce na atividade agrícola:

Tabela 06- Tempo na produção agrícola de grãos

Tempo na produção agrícola de grãos	Frequência absoluta		Frequência relativa	
	Fi	Fi acumulado	Fi %	Fi% acumulado
0 à 5 anos	7	7	14%	14%
6 à 15 anos	18	25	36%	50%
16 à 30 anos	12	37	24%	74%
31 anos ou mais	13	50	26%	100%
	50	-	100%	-

Fonte: Dados da pesquisa

Analisando os números descritos acima, pode-se notar que a classe entre 16 a 30 anos são minoria (tabela1), visto que muitos buscam uma formação acadêmica (tabela 5) para após entrarem na atividade. Os demais períodos questionados tiveram resultados semelhantes, isso porque as possibilidades de atuação no ramo variam, desde negócios de pai para filho, de empresários comerciais que adquiriram terras, entre outras.

A tabela 07 apresenta dados referentes aos empreendimentos agrícolas em suas extensões:

Tabela 07 – Extensão dos empreendimentos agrícolas

Extensão dos empreendimentos agrícolas	Frequência absoluta		Frequência relativa	
	Fi	Fi acumulado	Fi %	Fi% acumulado
0 à 40 hectares	0	0	0%	0%
40,1 à 160 hectares	0	0	0%	0%
160,1 à 600 hectares	5	5	10%	10%
600,1 à 1500 hectares	17	22	34%	44%
acima de 1500 hectares	28	50	56%	100%
	50	-	100%	-

Fonte: dados da pesquisa

Analisando a questão concluiu-se que a maioria das áreas são grande porte produtivo, segundo o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) 90% se encaixam nas áreas com 15 módulos ou mais, para a região de Maracaju o INCRA determinou em 2013 que 1 módulo equivale à 40 hectares. 10% se encaixam em empreendimentos de médio porte e nenhum dos respondentes se possui empreendimentos de pequeno porte.

A tabela 08 apresenta dados com relação a posse das áreas e máquinas, se são próprias ou de terceiros ou ambas:

Tabela 08 – Propriedade da (s) área (s) e dos maquinários

Propriedade da(s) área(s) e dos maquinários:	Frequência absoluta		Frequência relativa	
	Fi	Fi acumulado	Fi %	Fi% acumulado
Área(s) própria(s) e máquinas próprias	9	9	18%	18%
Área(s) de terceiro(s) e máquinas próprias	6	15	12%	30%
Área(s) de terceiro(s) e máquinas próprias e de terceiros	1	16	2%	32%
Área(s) própria(s) e de terceiros com máquinas próprias	31	47	62%	94%
Área(s) própria(s) e de terceiros com máquinas próprias e de terceiros	3	50	6%	100%
	50	-	100%	-

Fonte: dados da pesquisa

O propósito da questão foi identificar como se divide a condição de produção do empresário. A maioria afirmou ter áreas próprias e de terceiros (arrendamentos) e apenas maquinário próprio, este maquinário é capaz de operar nos dois tipos de áreas, o que possibilitou realizar o aumento de extensão sem aumentar o investimento em máquinas de terceiros, alavancando recursos apenas para a áreas de terceiros. O uso de máquinas de terceiros é baixo, as condições para aquisição de máquinas via linhas de crédito específicas para o agronegócio ajudam a manter as frotas alinhadas com as novas tecnologias, conforme revisão teórica de capital de terceiros, Mellagi Filho e Ishikawa (2010, p.129) explicam o processo “Financiamentos realizados por meio de instituições financeiras credenciadas, sem limite de valor, para aquisição de máquinas e implementos agrícolas novos, de fabricação nacional”. Outros 18% disseram que trabalham apenas com o que é de sua posse; 12% mostraram estar

trabalhando com um risco maior pois só possuem as máquinas, as áreas são de terceiros o que aumenta seu gasto e risco no resultado.

A tabela 09 apresenta a intenção de cultivo conforme sua importância financeira:

Tabela 09 – Grau de importância financeira na escolha dos grãos

Grãos produzindo por ordem de importância financeira.	Frequência absoluta						
	Fi 1°	Fi 2°	Fi 3°	Fi 4°	Fi 5°	Fi 6°	Fi acumulado
Arroz	0	0	0	1	1	0	2
Aveia	0	0	7	4	1	0	12
Feijão	0	0	20	1	0	0	21
Milho	0	50	0	0	0	0	50
Soja	50	0	0	0	0	0	50
Outros Grãos	0	0	5	7	1	1	14
	50	50	32	13	3	1	-

Fonte: dados da pesquisa

A questão buscou identificar quais grãos o produtor prioriza cultivar ponderando a parte financeira. A soja e o milho, respectivamente, dominaram em grau de importância. Com um mercado global, o soja tem sua comercialização vasta e o mercado que regula seus preços fica no Estados Unidos, na cidade de Chicago, a escolha da Bolsa de Chicago como referência mundial se dá pela alta concentração da oferta e da demanda dos principais países produtores e importadores neste mercado. Além disso, é a bolsa mais antiga do mundo, fundada em 1848, sendo uma referência consolidada no mercado, o mesmo vale para o milho. O feijão apareceu como terceira opção de cultivo, segundo pesquisa da Embrapa no Mato Grosso do Sul a produção do feijão pode ser realizada duas vezes no período do milho, em Abril e em Agosto, seu mercado nacional é grande, porém não é atrativo produzir em escala, seus preços são inconstantes, segundo a Embrapa com apud Ferreira (2001) esse é um dos pontos de estrangulamento do agronegócio do feijão, exacerbado por frequentes ocorrências de falhas nas previsões de mercado de feijão. Os demais grãos são produzidos por poucos ou nenhum, isso pode se dever ao fato de o clima na região não ser propício a algumas das culturas e os produtores estarem acostumados com o ciclo de produção da safra de soja e da safrinha do milho respectivamente.

4.2 Utilização dos instrumentos de gestão financeira nos empreendimentos

As questões a seguir foram elaboradas com o intuito de verificar como é realizado o controle financeiro, os pagamentos, análise de fluxo de caixa, planejamentos, comercialização, opções de alavancagem de capital e os registros destas operações nos empreendimentos agrícolas.

A tabela 10 questionou qual ferramenta das opções é utilizada primeiro:

Tabela 10 – Comercialização da produção

Como é feita a comercialização da produção?	Frequência absoluta		Frequência relativa	
	Fi	Fi acumulado	Fi %	Fi%acumulado
A produção é vendida conforme necessidade de fluxo de caixa	18	18	36%	36%
Através de contratos futuros	17	35	34%	70%
A produção fica estocada aguardando melhores preços no mercado	11	46	22%	92%
Outra:	4	50	8%	100%
	50	-	100%	-

Fonte: dados da pesquisa

A comercialização destes grãos geralmente acontece em dois períodos do ano, após cada safra. Sendo que, 36% dos empresários comercializam seus produtos conforme a necessidade de fluxo caixa, essa opção fica de certa forma equivalente a comercialização através de contratos futuros, somando 34% do total, a revisão teórica no item 2.2 sobre fluxo de caixa explica melhor porquê ocorrem mais comercializações por necessidades de caixa e por contratos futuros, um dos problemas do setor é a disponibilidade de caixa no curto prazo já que sua formação de valor é semestral, logo o produto é vendido conforme estoque para isso ou quando os contratos são entregues e assim podem ser recebidos (NORONHA, 1987). As receitas ocorrem de maneira semestral, os maiores vencimentos são quitados após a colheita em planos safra, desta forma a necessidade de fluxo de caixa se funde com os contratos futuros para determinada safra, mas com um detalhe que difere as intenções, os contratos futuros buscam assegurar determinado preço que o mercado oferece para o produto enquanto a necessidade de fluxo de caixa ocorre sem ter a garantia do preço, podendo estar maior ou menor. Outros 22% disseram que comercializam sua produção apenas em época de preço mais favorável, este indica ter um fluxo de caixa mais saudável podendo aguardar o ágio dos preços e honrando os compromissos. Apenas 8% informaram comercializar de outra maneira.

A próxima questão é representada na tabela 11 e abordou sobre as ferramentas de gerenciamento utilizadas:

Tabela 11 – Ferramentas de gerenciamento

Quais ferramentas ou controles contábil-gerenciais são utilizados pela empresa no seu gerenciamento? (Marque as que forem utilizadas)	Frequência absoluta		Frequência relativa	
	Fi	Fi acumulado	Fi %	Fi%acumulado
Orçamento	31	31	62%	62%
Sistema de gestão informatizado	23	54	46%	108%
Fluxo de caixa	36	90	72%	180%
Análise das demonstrações contábeis	4	94	8%	188%
Planejamento tributário	3	97	6%	194%
Controle de estoques	15	112	30%	224%
	50	-	224%	-

Fonte: dados da pesquisa

Verificou-se que o fluxo de caixa (72%) e orçamento (62%) estão presentes no gerenciamento de 30 dos 50 empresários. Nos últimos anos os sistemas de gestão informatizados (46%) vêm ganhando espaço na administração rural, até então essa ferramenta era encarada como uma despesa sem retorno. Atualmente existem vários sistemas especializados no setor rural que oferecem ferramentas de controle financeiro, de custos, estoque e outros que aumentam o conhecimento e auxiliam em tomadas de decisão. O controle de estoque (30%) recebe atenção extra de alguns empresários, evitando possíveis prejuízos devido à falta de monitoramento e alguns por não contarem com sistema informatizado para auxiliar. Análise das demonstrações contábeis (8%) e planejamento tributário (6%) fecham a questão apresentando um índice de utilidade baixo.

Como ferramenta de gerenciamento, o fluxo de caixa foi a opção que obteve maior número de aplicabilidade no negócio. A tabela 12 demonstra a frequência de utilização dessa ferramenta:

Tabela 12 – Periodicidade do fluxo de caixa

Caso elabore fluxo de caixa (controle de entradas e saídas de dinheiro do caixa ou banco), qual a periodicidade?	Frequência absoluta		Frequência relativa	
	Fi	Fi acumulado	Fi %	Fi%acumulado
Diário	26	26	52%	52%
Semanal	12	38	24%	76%
Mensal	9	47	18%	94%
Semestral	3	50	6%	100%
Outro	0	50	0%	100%
	50	-	100%	-

Fonte: dados da pesquisa

O fluxo de caixa, descrito anteriormente no capítulo 2.2 deste trabalho é utilizado por todos os empresários rurais entrevistados, sua periodicidade pode variar de acordo com o movimento do negócio. De forma que a tabela 06 se associa a tabela 12, pois demonstra que as extensões maiores tendem a gerar maior volume de entrada e saída de caixa naturalmente, sendo assim 52% afirmaram que analisam seu fluxo de caixa de maneira diária e 24% de

maneira semanal. Essa atenção maior possibilita tomar decisões de maneira mais precisa e confiante em um curto espaço de tempo. Dos respondentes, 18% afirmaram que seu controle de fluxo é caixa é mensal e 6% analisam o horizonte da safra, ou seja, o semestre apenas.

A tabela 13 buscou identificar qual a prioridade no escopo administrativo, se os empresários priorizam a parte financeira, tributária ou a de custos:

Tabela 13 – Prioridade administrativa

Com que área no escopo administrativo a preocupação é maior:	Frequência absoluta		Frequência relativa	
	Fi	Fi acumulado	Fi %	Fi%acumulado
Financeira (contas a pagar e a receber)	33	33	66%	66%
Tributária (impostos)	3	36	6%	72%
Custos (energia, man. de máquinas, serviço de terceiros, alimentação)	14	50	28%	100%
Outra:	0	50	0%	100%
	50	-	100%	-

Fonte: dados da pesquisa

Observou-se que 66% dos entrevistados priorizam a opção financeira, muito se deve ao fato de manterem seus nomes em dia, evitando restrições que possam inviabilizar negócios, prejudicando assim a aquisição de mercadorias e contratação de empréstimos principalmente. Outros 28% afirmaram ter como prioridade seus custos, estes possuem um controle seguro das contas a pagar e receber possibilitando dar ênfase no que é realizado, lançado e pago. Apenas 6% afirmaram ter como prioridade a situação tributária para imposto de renda.

A tabela 14 buscou trazer dados sobre a forma de preparação dos pagamentos:

Tabela 14 – Previsão de pagamentos

Por quem é feito a previsão das contas a pagar e receber:	Frequência absoluta		Frequência relativa	
	Fi	Fi acumulado	Fi %	Fi%acumulado
Pelo produtor	26	26	52%	52%
Pelo encarregado administrativo/contábil	22	48	44%	96%
Pelo escritório de contabilidade	0	48	0%	96%
Outros	2	50	4%	100%
	50	-	100%	-

Fonte: dados da pesquisa

Os dados apresentados mostram uma concentração nas previsões de pagamentos em dois grupos, 52% dos respondentes afirmaram que os agendamentos são de responsabilidade própria, 44% possuem um encarregado responsável por efetuar essa atividade e apenas 4% disseram que as previsões são realizadas de outra forma não especificada.

A tabela 15 é semelhante ao que foi questionado na tabela 14, porém busca descobrir por que é realizado o registro do pagamento:

Tabela 15 – Registro dos pagamentos

Por quem é feito o registro dos pagamentos e recebimentos:	Frequência absoluta		Frequência relativa	
	Fi	Fi acumulado	Fi %	Fi%acumulado
Pelo produtor	11	11	22%	22%
Pelo encarregado administrativo/contábil	36	47	72%	94%
Pelo escritório de contabilidade	3	50	6%	100%
Outros	0	50	0%	100%
	50	-	100%	-

Fonte: dados da pesquisa

A tabela 15 afirma que 72% dos empresários tem suas contas registradas por seus encarregados administrativos/contábeis, isso demonstra que a maioria possui um profissional contratado para dar apoio em sua administração, 22% afirmam que os registros são realizados pelos próprios produtores e 6% utilizam o serviço terceirizado da contabilidade

A tabela 16 apresentou qual ferramenta é utilizada para os registros:

Tabela 16 – Ferramenta ou software utilizado na gestão

Qual ferramenta ou software que auxilia na gestão?	Frequência absoluta		Frequência relativa	
	Fi	Fi acumulado	Fi %	Fi%acumulado
Planilhas Excel ou semelhante	13	13	26%	26%
Sistemas ERP (Informatizado)	11	24	22%	48%
Planilhas Excel ou semelhante e Sistema ERP (Informatizado)	18	42	36%	84%
Controle manual somente	6	48	12%	96%
não se aplica	2	50	4%	100%
	50	-	100%	-

Fonte: dados da pesquisa

As tabelas 14 e 15 mostraram quem organiza e registra a gestão dos passivos, a tabela 16 apresenta quais ferramentas são utilizadas para auxiliar a gestão. 36% afirmaram utilizar as planilhas de excel junto do software ERP, dessa maneira o controle se torna mais eficiente, porém exige mais tempo nos registros devido ao duplo controle utilizado. 26% utilizam exclusivamente as planilhas de excel ou semelhantes. 22% afirmaram utilizar apenas o sistema ERP. 12% controlam de forma manual em anotações a mão e 4% disseram que nenhum dos métodos são aplicados ao seu negócio.

A tabela 17 questionou o motivo da utilidade dos escritórios contábeis:

Tabela 17 – Utilidade do escritório contábil

Motivo do uso dos serviços contábeis do escritório terceirizado:	Frequência absoluta		Frequência relativa	
	Fi	Fi acumulado	Fi %	Fi%acumulado
Fisco/Imposto de Renda	40	40	80%	80%
Exigência do Imposto de Renda pelos bancos para tomada de empréstimos	7	47	14%	94%
Controle das contas e saber onde o retorno do investimento foi maior	2	49	4%	98%
Outros	0	49	0%	98%
Não utiliza	1	50	2%	100%
	50	-	100%	-

Fonte: dados da pesquisa

A tabela 17 apresenta o motivo pelo qual os empresários rurais buscam os serviços terceirizados da contabilidade, 80% dispõem desses serviços apenas para fins de imposto de renda. 14% se beneficiam do imposto de renda para o levantamento de crédito junto das instituições financeiras. 4% aproveitam-se dos serviços para analisar os dados gerados e através das técnicas contábeis descobrir quais cultivos foram mais rentáveis. 2% não utilizam.

A tabela 18 fez menção a um cenário no qual o produtor obteve lucro após um período produtivo, em uma pergunta de múltipla escolha por ordem de importância os produtores opinaram sobre suas prioridades em investimentos. Como opção de investimentos foram dadas as seguintes alternativas: Compra de máquinas e implementos, aquisição de novas áreas, investimento familiar e aplicação financeira.

Tabela 18 – Prioridade de investimento

No final de um ciclo produtivo positivo, havendo lucro contábil, qual a prioridade em uma ordem de 1 à 4 onde, 1 é mais relevante e 4 menos relevante:	Frequência absoluta				
	Fi 1°	Fi 2°	Fi 3°	Fi 3°	Fi acumulado
Compra de máquinas e implementos	22	19	5	3	49
Aquisição de novas áreas	20	15	5	7	47
Investimento familiar	6	8	23	10	47
Aplicações financeiras	2	5	14	27	48
	50	47	47	47	-

Fonte: Dados da pesquisa

Verificou-se que os empresários buscam como primeira opção de investimento a imobilização através da compra de máquinas e implementos, seguido pela intenção de imobilização via aquisição de novas áreas.

Como segunda opção a ordem não foi alterada, mas os valores da tabela apresentam reduções do interesse em imobilizações devido a intenção de alguns entrevistados em alocar os recursos em investimentos familiares ou aplicações financeiras.

Como terceira opção ficou destacado a intenção em realizar gastos familiares, seja com educação, viagens, melhoria em residência entre outros.

Por último ficaram as aplicações financeiras como prioridade de investimento, visto que após realizarem os investimentos considerados mais importantes, buscam proteger seus recursos da inflação e ganhar com os juros pagos no mercado público e privado.

Com a análise verificou-se a tendência de que os empresários rurais procuram investir primeiro em estrutura de trabalho, seguido do aumento de áreas cultiváveis em busca de resultados maiores, de maneira que os números tenham quantidade e qualidade. O investimento na família é realizado de forma natural após períodos com resultados positivos. Por último verificou-se que os empresários rurais optam por fazer investimentos financeiros em último caso.

A tabela 19 questionou como é realizado o pagamento da produção:

Tabela 19 – Forma de pagamento da produção

Como é feito o pagamento do custo de produção anual?	Frequência absoluta		Frequência relativa	
	Fi	Fi acumulado	Fi %	Fi%acumulado
Financiamento bancário de 100% dos gastos	3	3	6%	6%
Parte Financiamento bancário parte recurso próprio	32	35	64%	70%
Vendas antecipada de grãos	6	41	12%	82%
Vendas de antecipada de grãos e recursos próprio	8	49	16%	98%
Recursos próprio em 100% dos gastos	1	50	2%	100%
	50	-	100%	-

Fonte: dados da pesquisa

A questão foi aplicada com o intuito de verificar quais formas são mais utilizadas para alavancar o capital e garantir os produtos necessários. 64% afirmaram que sua produção é custeada parte com recursos próprios e parte via crédito rural, especificamente na modalidade de custeio: quando atende às despesas do ciclo produtivo quitando as despesas normais (DO BRASIL, 2004). 16% disseram quitar parte com recurso próprio e parte através da venda antecipada de grãos, também conhecida como *barter*. “O termo *barter* é utilizado de formas diferentes na literatura. Para diversos autores, a sua definição é similar às operações de troca” (ARAKAWA, 2014, p.29). Nesta modalidade, o produtor recebe os insumos do distribuidor ou do fabricante de insumos e entrega a produção combinada em contrato após a colheita com preços definidos muito antes do plantio (ARAKAWA, 2014). 12% disseram que pagam tudo através das trocas. 6% buscam as linhas de crédito agrícola, em especial os custeios para quitar toda safra. 2% afirmaram que pagam tudo com recursos próprios.

É válido destacar a participação de terceiros no capital de giro do empresário rural através de empréstimos em espécie e trocas, possibilitando manter o fluxo de caixa saudável e a produção em dia para quitação futura.

A tabela 20 questionou qual seria a forma de alavancar capital que o empresário rural optaria na seguinte questão:

Tabela 20 – Alavancagem de capital

Em um cenário hipotético onde uma área cultivável aparece com ótimo preço, irrecusável, o que fica mais viável para alavancar o capital necessário:	Frequência absoluta		Frequência relativa	
	Fi	Fi acumulado	Fi %	Fi%acumulado
Venda de grãos em época de preços médio/baixo	4	4	8%	8%
Captação de empréstimo hipotecado na espera de melhoras nos preços	28	32	56%	64%
Venda de máquinas e/ou implementos utilizado com menor frequência	4	36	8%	72%
Alocar recursos reservados inicialmente a outro investimento e assegurar sua realização.	14	50	28%	100%
	50	-	100%	-

Fonte: dados da pesquisa

Foi verificado que 56% dos empresários optaram em ir atrás de terceiros para alavancar os recursos necessários, mesmo com a possibilidade de hipotecar algum bem, assim protegem seu produto dos baixos preços do momento e ganham mais prazo para pagamento, mesmo sabendo da incidência de juros. Em concordância com a reposta da maioria Ehrhardt e Brigham (2012) falam dos quatro fatores que podem encarecer o dinheiro, um deles é a oportunidade de produção e capacidade de transformar esse capital em benefícios. 28% optaram por trocar de investimento, desistindo do planejado e assim garantindo o novo negócio. 8% venderiam seus estoques em épocas de preços médios ou baixos, praticando uma troca de ativos sem contração de dívidas, outros 8% afirmaram ter como primeira atitude a venda bens móveis e equipamentos para levantar o capital.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve como objetivo demonstrar o perfil dos empresários rurais que atuam no município de Maracaju/MS, quais ferramentas utilizam para gerir seus negócios, se utilizam e como fazem para buscar recursos de terceiros para alavancar seu capital de giro, mantendo as atividades em dia com um fluxo de caixa saudável em um setor onde as receitas ocorrem semestralmente.

O questionário utilizado para coleta de dados mostrou que a maioria atua no cenário produtivo, direto nas lavouras, uma minoria afirmou atuar na gestão. Essa situação com o tempo poderá mudar, a entrada dos novos empresário rurais que já encaram a gestão de maneira

diferente graças a tecnologia da informação tratará com outros olhos a gestão financeira que não teve a mesma atenção em anos anteriores.

Com as opções de investimentos ficou evidenciado a intenção de aumentar as áreas e modernizar suas máquinas, visando aumentar a capacidade produtiva com qualidade. As linhas de crédito agrícola são ferramentas fundamentais para realização dos projetos, mostrando a importância do Governo Federal em manter o incentivo para o setor rural, no questionário ficou evidenciado a intenção da captação desses recursos pela maioria.

A exploração da contabilidade para maioria ainda é limitada basicamente para fins de realização do Imposto de Renda, porém sua ciência pode auxiliar de forma mais completa os números gerados e não trabalhados. No sentido oposto foi verificado que alguns empresários rurais já possuem um sistema interno informatizado para ter de forma privada e rápida seus resultados, outros utilizam as planilhas em Excel para registro de dados, porém elas não terão a mesma exatidão que os sistemas informatizados.

O fluxo caixa e orçamentos são as ferramentas informadas como mais utilizadas no gerenciamento financeiro, confrontando o que se esperava gastar com o que realmente foi e será gasto, como muitos possuem extensões de áreas grandes o controle do fluxo de caixa é concentrado de maneira diária e semanal, mais do que isso pode se tornar um risco para falhar com compromissos. Com um giro de entradas e saídas alto, os empresários buscaram informatizar e investir no setor administrativo visando alcançar resultados mais satisfatórios e melhorar o controle interno.

De forma geral, os empresário rurais tem como preocupação maior o gerenciamento dos passivos, depois analisam mais profundamente para onde foi alocado o gasto. Os empresários da região demonstram ter espírito empreendedor visando em cada oportunidade aumentar e melhorar os negócios e posteriormente fazer uso particular dos valores. A base educacional varia muito de empresário para empresário, porém os números de outras questões deixam claro que mesmo sem completar ensinos superiores ou médios, eles se mantem na produção a um bom tempo e entendem como funciona o setor de maneira empírica na região.

Em todo o andamento deste trabalho algumas barreiras foram superadas, a dificuldade de obter mais respostas foi uma delas, por se tratar de perguntas técnicas sobre a maneira de gestão, alguns se sentiram desconfortáveis em participar da pesquisa, mesmo sendo anônima. Outra dificuldade encontrada foi o tempo e entendimento de alguns empresários rurais, com um rotina dinâmica foi preciso passar muitas vezes em alguns escritórios para conseguir ter a atenção para a pesquisa. Poucos tiveram dificuldade no entendimento de questões mais técnicas.

O agronegócio é um dos setores fortes do Brasil, país rico em natureza e que permite sermos uma potência na produção de grãos mundial, vendo isso a ideia de entender um pouco mais sobre essa gestão foi proposta e praticada, de uma maneira mais superficial com questões que tiveram como objetivo moldar a maneira de gestão de cada um e de um todo. É possível explorar mais este setor, estudar mais como funcionam os empreendimentos de maneira isolada e o que os empresários rurais esperam de seus negócios para os próximos anos.

6 REFERÊNCIAS

ACCARINI, José Honório. **Economia rural e desenvolvimento: Reflexões sobre o caso brasileiro**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987.

ARAKAWA, Heitor Haselmann. **Percepção do produtor agrícola em relação às operações de barter: um estudo da região de Lucas do Rio Verde (MT)**. 2014. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

ASSAF NETO, Alexandre. **Estrutura e análise de balanços: um enfoque econômico-financeiro** – 10. Ed. – São Paulo: Atlas, 2012.

ASSAF NETO, Alexandre. **Mercado Financeiro** – 10 ed. – São Paulo: Atlas, 2011.

ASSAF NETO, Alexandre; SILVA, César Augusto Tibúrcio. **Administração do capital de giro**. – 4. Ed. – São Paulo: Atlas, 2012.

BARROS, Aparecida da Silva Xavier. Expansion of higher education in Brazil: limits and possibilities. **Educação & Sociedade**, v. 36, n. 131, p. 361-390, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302015000200361&script=sci_arttext&tlng=pt
Acesso em: 29 de Agosto de 2017 às 19:55.

BENETTI, Maria Domingues. **Sistemas de crédito rural e o financiamento da agricultura na década de 90**. Brasília: IPEA, 1994.

BIGNOTTO, Edson Costa; BAROSSO-FILHO, Milton; SAMPAIO, Rudini. **Gestão do risco de mercado em organizações do agronegócio**. Resenha BM&F, v. 4, n. 161, p. 26-32, 2004. Disponível em: <http://lojavirtual.bmf.com.br/LojaIE/Portal/Pages/Publicacoes/Resenhas/arquivos/161/artigoTec-02.pdf>. Acesso em: 01 de março de 2017 às 21:42.

BRANCO, Aloc. **A produção de soja no Brasil: uma análise econométrica no período de 1994-2008**. Monografia apresentada Faculdade de Ciências Econômicas do Centro de Economia e Administração da PUC Campinas, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas, 2008.

CALLADO, Antonio André C. et al. **Caracterizando aspectos do sistema de informação contábil na gestão de custos: um estudo empírico no âmbito do agronegócio**. ABCustos Associação Brasileira de Custos, São Leopoldo, v. 2, n. 2, p. 1-19, 2007. Disponível em: <http://www.intercostos.org/documentos/Cunha%20Callado%20Antonio.pdf>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2017 às 18:48.

CAMPOS, Filho, Ademar. **Demonstração dos fluxos de caixa: uma ferramenta indispensável para administrar sua empresa**. – São Paulo: Atlas, 1999.

CANZIANI, José Roberto Fernandes. **Assessoria administrativa a produtores rurais no Brasil**. 2001. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: http://www.dere.ufpr.br/PLANEJAMENTO/TESE_CANZIANI.pdf. Acesso em: 02 de março de 2017 às 22:14.

CHASSOT, Guilherme José. Os benefícios do controle e planejamento financeiro: estudo de caso em uma agropecuária. 2016.

CORRÊA, Ricardo Gonçalves de Faria. **Modelo integrado para gestão de custos, fluxo de caixa e recursos compartilhados em sistemas produtivos agropecuários**. 2014.

CORTES, Jariane Flores. **Gestão de capital de giro: a importância do acompanhamento constante dos resultados financeiros**. 2015. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/142127>>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2017 às 19:56.

DO BRASIL, Banco; DE AGRONEGÓCIOS, Diretoria. Evolução histórica do crédito rural. **Revista de Política Agrícola**, v. 13, n. 4, p. 4-17, 2004.

EHRHARDT, Michael C; BRIGHAM, Eugene F. – *Financial Management: theory and practice 13 edition - Administração Financeira: Teoria e Prática* – Tradução da 13ª edição norte-americana / Michael C. Ehrhardt, Eugene F. Brigham – Estados Unidos, Cengage, 2012.

EMBRAPA, PDF, Disponível em: <<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/192830/1/doc135.pdf>>. Acesso em: 29 de Agosto de 2017 às 22:25.

FARBER, João Carlos et al. **Análise da Demonstração do fluxo de caixa em empresas do ramo agrícola com relatórios publicados pela CVM**. Disponível em: <http://www.revistareage.com.br/artigos/quarta_edicao/10.pdf>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2017 às 19:45.

FARIA, Dalva Custódio. **A contabilidade rural no desenvolvimento do agronegócio**. Revista Eletrônica Acadêmica da Faceca, v. 1, n. 9, 2012. Disponível em: <http://www.faceca.br/revista/index.php/revista-01/article/view/113/pdf_13>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2017 às 20:10.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Universidade Estadual do Ceará, 2002. Disponível em: <<http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>>. Acesso em: 10 de agosto de 2017 às 14:26.

FUNDAÇÃO MS, Site, Disponível em: <<http://www.fundacaoms.org.br/a-fundacao/a-instituica>>. Acesso em: 29 de Agosto de 2017 às 21:15.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**, 5. ed.- São Paulo: Ed. Atlas, 1999
 ISBN 85-224-2270-2. Disponível em:
<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABQwMAL/metodologia-delineamento-pesquisa>.
 Acesso em: 07/08/2017 às 21:10.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIMENES, Régio Marcio Toesca et al. **Aplicabilidade da análise dinâmica do capital de giro como instrumento de avaliação da gestão financeira em cooperativas agropecuárias**. Revista de Economia Contemporânea, v. 12, n. 1, p. 129-150, 2008. Disponível em:<http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/6189/art_GIMENES_Aplicabilidade_da_analise_dinamica_do_capital_de_2008.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 1 de Março de 2017 às 18:15.

GUIMARÃES, Mário Krueel. **Crédito Rural: Enfoques da política agrária brasileira**. São Paulo: Ed. Nobel, 1974.

HALL, Rosemar José et al. **Contabilidade como uma ferramenta da gestão: um estudo em micro e pequenas empresas do ramo de comércio de Dourados-MS**. Accounting as a tool of management: a study in micro and small industry the trade Dourados-MS. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, v. 6, n. 3, p. 4-17, 2013. Disponível em: <http://www.faccamp.br/ojs/index.php/RMPE/article/view/473/251>>. Acesso em: 01 de março de 2017 às 18:20.

HOFER, Elza et al. **Gestão de Custos aplicada ao agronegócio: Culturas temporárias**. Contabilidade Vista & Revista, v. 17, n. 1, p. 29-46, 2009. Disponível em: <<http://revistas.face.ufmg.br/index.php/contabilidadevistaerevista/article/view/290/282>>. Acesso em: 02 de março de 2017 às 19:36.

MILHO, D. O. ENTENDENDO O MERCADO, 2015. Disponível em: http://www.imea.com.br/upload/pdf/arquivos/Paper_jornalistas_Milho_AO.pdf. Acesso em: 2 de Agosto de 2017 às 22:10.

INCRA, PDF, Disponível em: <http://www.incra.gov.br/sites/default/files/uploads/estrutura-fundiaria/regulizacao-fundiaria/indices-cadastrais/indices_basicos_2013_por_municipio.pdf>. Acesso em: 29 de Agosto de 2017 às 20:50.

INCRA, SITE, Disponível em: < <http://www.incra.gov.br/tamanho-propriedades-rurais>>. Acesso em: 29 de Agosto de 2017 às 20:45.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Análise de balanços** – 10. Ed – 2 reimpr. – São Paulo: Atlas, 2010.

KASSAI, José Roberto; KASSAI, Sílvia; DOS SANTOS, Ariovaldo; ASSAF NETO, Alexandre: **Retorno de Investimento: abordagem matemática e contábil do lucro empresarial** – 2ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MARTINS, Eliseu et al. **Contabilidade de custos**. São Paulo: Atlas, 1980.

MATTOS, Zilda Paes de Barros. **Contabilidade financeira rural**. São Paulo, Atlas, 1999.

MELLAGI FILHO, Armando. **Mercado Financeiro e de capitais** – 2. Ed. – 5. Reimpressão – São Paulo: Atlas, 2010.

NORONHA, José F. **Projetos agropecuários: Administração financeira, orçamento e viabilidade econômica** 2. Ed – São Paulo: Atlas, 1987.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005. 138 p. Disponível em: <<http://www.portaldeconhecimentos.org.br/index.php/por/content/view/full/10232>>. Acesso em: 10 de agosto de 2017 às 23:54.

VIEIRA, Luís Fernando. **Agricultura e agroindústria familiar**. Revista de Política Agrícola, v. 7, n. 1, p. 14-31, 2012. Disponível em: <<https://seer.sede.embrapa.br/index.php/RPA/article/view/195/159>. Acesso em: 03 de março de 2017 às 19:20.

ZANCHET, Aládio; JUNIOR, Sílvio Carlos Francischetti. Perfil contábil-administrativo dos produtores rurais e a demanda por informações contábeis. **Ciências Sociais aplicadas em revista**, v. 6, n. 11, 2006.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

Seção I – Perfil do Empresário Rural

1– Em qual faixa etária se encontra hoje:

- Entre 18 à 30 anos
- Entre 31 à 40 anos
- Entre 41 à 60 anos
- 60 anos ou mais

2 - Qual sua função dentro da empresa?

- Gestor
- Produtor

3 - Qual o seu gênero?

- Masculino
- Feminino

4 - Estado Civil:

- Solteiro
- Casado
- Divorciado
- Outro

5 - Qual seu nível de escolaridade?

- Sem escolaridade

- Fundamental incompleto
- Fundamental completo
- Médio incompleto
- Médio completo
- Superior incompleto
- Superior completo
- Pós Graduação

6 – Tempo na produção agrícola de grãos?

- 0 à 5 anos
- 6 à 15 anos
- 16 à 30 anos
- 31 anos ou mais

Seção II – Perfil da Empresa Rural

7 – Extensão dos empreendimentos agrícolas:

- 0 à 40 hectares
- 40,1 à 160 hectares
- 160,1 à 600 hectares
- 600,1 a 1500 hectares
- acima de 1500 hectares

8 – Propriedade da(s) área(s) e dos maquinários:

- Área(s) própria(s) e máquinas próprias
- Área(s) de terceiro(s) e máquinas próprias
- Área(s) de terceiro(s) e máquinas próprias e de terceiros
- Área(s) própria(s) e de terceiros com máquinas próprias
- Área(s) própria(s) e de terceiros com máquinas próprias e de terceiros

9 – Grãos produzindo por ordem de importância financeira.

- Arroz 1° 2° 3° 4° 5° não é produzido
- Aveia 1° 2° 3° 4° 5° não é produzido
- Feijão 1° 2° 3° 4° 5° não é produzido
- Milho 1° 2° 3° 4° 5° não é produzido
- Soja 1° 2° 3° 4° 5° não é produzido
- Outros grãos 1° 2° 3° 4° 5° não é produzido

Seção III – Gestão Financeira

10 – Como é feita a comercialização da produção?

- A produção é vendida conforme necessidade de fluxo de caixa
- Através de contratos futuros
- A produção fica estocada aguardando melhores preços no mercado
- Outra: _____

11 - Quais ferramentas ou controles contábil-gerenciais são utilizados pela empresa no seu gerenciamento? (Marque as que forem utilizadas)

- Orçamento
- Sistema de gestão informatizado
- Fluxo de caixa
- Análise das demonstrações contábeis
- Planejamento tributário
- Controle de estoques

12 - Caso elabore fluxo de caixa (controle de entradas e saídas de dinheiro do caixa ou banco), qual a periodicidade?

- Diário

- Semanal
- Mensal
- Semestral
- Outro: _____

13 - Com que área no escopo administrativo a preocupação é maior:

- Financeira (contas a pagar e a receber)
- Tributária (impostos)
- Custos (energia, man. de máquinas, serviço de terceiros, alimentação)
- Outra: _____

14 – Por quem é feito a previsão das contas a pagar e receber:

- Pelo produtor
- Pelo encarregado administrativo/contábil
- Pelo escritório de contabilidade
- Outros

15 – Por quem é feito o registro dos pagamentos e recebimentos:

- Pelo produtor
- Pelo encarregado administrativo/contábil
- Pelo escritório de contabilidade
- Outros

16 – Qual ferramenta ou software que auxilia na gestão:

- Planilhas Excel ou semelhante
- Sistemas ERP (Informatizado)
- planilha Excel ou semelhantes e sistema ERP (informatizado)
- Controle manual somente
- não se aplica

17 – Motivo do uso dos serviços contábeis do escritório terceirizado:

- Fisco/Imposto de Renda
- Exigência do Imposto de Renda pelos bancos para tomada de empréstimos
- Controle das contas e saber onde o retorno do investimento foi maior
- Outros
- Não utiliza

18 – No final de um ciclo produtivo positivo, havendo lucro contábil, qual a prioridade em uma ordem de 1 à 4 onde, 1 é mais relevante e 4 menos relevante:

- Compra de máquinas e implementos
- Aquisição de novas áreas
- Investimento familiar
- Aplicações financeiras

19 – Como é feito o pagamento do custo de produção anual:

- Financiamento bancário de 100% dos gastos
- Parte Financiamento bancário parte recurso próprio
- Vendas antecipada de grãos
- Vendas de antecipada de grãos e recursos próprio
- Recursos próprio em 100% dos gastos

20 – Em um cenário hipotético onde uma área cultivável aparece com ótimo preço, irrecusável, o que fica mais viável para alavancar o capital necessário:

- Venda de grãos em época de preços médio/baixo
- Captação de empréstimo hipotecado na espera de melhoras nos preços
- Venda de máquinas e/ou implementos utilizado com menor frequência
- Alocar recursos reservados inicialmente a outro investimento e assegurar sua realização.
- Não é feito nenhum controle sistematizado financeiro e/ou de custo, mas há um controle de maneira informal
- não é feito nenhum controle financeiro e/ou de custos.

APÊNDICE E

TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS E AUTORIZAÇÃO PARA INSERÇÃO DE TRABALHO DE GRADUAÇÃO NOS MEIOS ELETRÔNICOS DE DIVULGAÇÃO DISPONIBILIZADOS E UTILIZADOS PELA UFGD

Eu, Vinícius Wanginiak Oliveira, estudante e assistente administrativo, residente e domiciliado na rua pereira do lago, 2.971, centro, município de Maracaju/MS, portador do RG 1.638.446/MS, e do CPF 049.741.421-00, aluno do Curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal da Grande Dourados, matriculado sob número 2011000018, venho, por meio do presente, **AUTORIZAR** a inserção do meu Trabalho Final de Graduação, Aprovado em banca, intitulado **Análise do uso de instrumentos de gestão financeira em empreendimentos agrícolas no município de Maracaju/MS**, nos meios eletrônicos de divulgação disponibilizados e utilizados pela universidade, bem como em qualquer outro meio eletrônico de divulgação utilizado pela Instituição, para os específicos fins educativos, técnicos e culturais de divulgação institucional e não-comerciais.

DECLARO, dessa forma, que **cedo, em caráter gratuito e por tempo indeterminado**, o inteiro teor do meu Trabalho de Graduação acima identificado, cuja cópia, por mim rubricada e firmada, segue em anexo, **para que possa ser divulgada através do(s) meio(s) acima referido(s)**.

DECLARO, ainda, que sou **autor e único e exclusivo responsável** pelo conteúdo do mencionado Trabalho de Graduação.

AUTORIZO, ainda, a Universidade a **remover** o referido Trabalho do(s) local(is) acima referido(s), a **qualquer tempo e independentemente de motivo e/ou notificação prévia** à minha pessoa.

Em Dourados, 06 de Setembro de 2017.

Assinatura:

Nome Completo: Vinicius Wanginiak Oliveira